



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA – PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ANA ALICE MARINHO CARDIM**

**O FOLCLORE E A IDENTIDADE CULTURAL EM VILA DE BEJA:  
INFLUÊNCIAS E LIMITES NA VIDA, TRADIÇÃO, ESCOLARIDADE E  
MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS EM MORADORES LOCAIS NA  
ATUALIDADE**

Abaetetuba-PA

2014

**ANA ALICE MARINHO CARDIM**

**MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS EM VILA DE BEJA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado de Ciências Sociais do Campus Universitário do baixo Tocantins como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Ciências Sociais, sob a orientação do professor Dr Pedro Paulo F. Piani.

Abaetetuba-PA

2014

**ANA ALICEMARINHO CARDIM**

**O FOLCLORE E A IDENTIDADE CULTURAL EM VILA DE BEJA:  
INFLUÊNCIAS E LIMITES NA VIDA, TRADIÇÃO, ESCOLARIDADE E  
MUDANÇAS SÓCIO-CULTURAIS EM MORADORES LOCAIS NA  
ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado  
ao Colegiado de Ciências Sociais do Campus  
Universitário do baixo Tocantins, como  
requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura Plena em Ciências Sociais.

Banca Examinadora:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Prof.-----

Orientador

Prof.(Drº Pedro Paulo Freire Piani - UFPA)

Prof.\_\_\_\_\_

Examinador: Profº. Msc. José de Arimatéia Rodrigues Reis.

Prof. \_\_\_\_\_

Examinadora: Profª. Msc. Ellen da Silva Aguiar

Abaetetuba-PA

2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha mãe (in memoriam) Maria Alice Marinho Cardim, por em vida me incentivar quanto ao estudo e por ter me ensinado uma educação verdadeira baseada no amor, respeito e justiça. Hoje usufruo desses princípios para a minha caminhada e formação profissional e humana.

A meu filho José Miguel Cardim da Silva, meu grande e valioso amor.

E a todos os meus familiares que sempre me apoiaram, e em especial a minha sobrinha Mariana e a minha amiga e irmã Elidiane Marinho Cardim, que cuidaram do meu filho enquanto eu estudava este curso, a minha eterna gratidão e carinho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, meu Tudo, que me deu a vida e cuida de mim

E permitiu que eu chegasse até o fim deste curso

A universidade Federal do Pará

A coordenadora do Curso na pessoa da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eleanor Gomes da Silva Palhano

Ao nosso orientador Professor Dr<sup>o</sup>. Pedro Paulo Freire Piani.

Aos demais docentes que nos ajudaram durante o curso

A todos os meus familiares que sempre me apoiaram em meus estudos

Ao meu pai João, minha irmã Rosilene e ao meu irmão Adailzo e a meu marido João e aos outros meus irmãos que sempre se preocuparam e me incentivaram nos estudos e em meus objetivos.

A todos os meus amigos e colegas de trabalho pela força

As minhas colegas de faculdade que sempre foram amigas para mim.

*“(...) as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro por se ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável de oposição por contrastes, mas o próprio reconhecimento social da diferença(...)”*

*Dedival Brandão*

## RESUMO

Este trabalho objetiva discutir alguns pontos que envolvem a abordagem sócio-cultural em Vila de Beja Abaetetuba-Pará. No aspecto cultural são muitas as mudanças ao longo desses anos. Mudanças ocorridas nas últimas décadas, com a chegada de novos paradigmas sociais e econômicos, a velha cultura como as danças, as festas, a religião, deixaram de ser momentos tão especiais nesta localidade. Ainda se brinca, mas como diz o ditado popular “não como antigamente”. Observaremos relatos de filhos de pescadores em suas relações internas à unidade familiar, nos espaços produtivos e de trabalho, na conquista de direitos e cidadania, na ocupação de espaços públicos, como a escola, onde juntamente com a família são responsáveis pela educação e evolução da cidadania. Neste sentido foi analisado o quanto essas famílias ainda mantêm as tradições e costumes típicos dos ribeirinhos, ainda há famílias nesta localidade que sobrevivem apenas do pescado, embora, imbuídos em uma sociedade que vale mais quem tem bens materiais, mais se constata nestas pesquisas que para o pescador e sua família o importante é tê-los todos por perto e que não precisa tantas coisas para serem felizes e que eles ainda valorizam a figura do pai como o chefe aquele que tem a responsabilidade de encaminhar os filhos. O estudo tem como objetivo também refletir em que medida estas mudanças alteraram padrões e modos de vida dos pescadores e do campesinato tradicional e como esses atores se situam em relação ao mundo atual. O *lócus* de investigação tem como foco resultado de pesquisa de campo realizada pela autora em entrevistas com os ribeirinhos pescadores do Ramal Arienga na região de Vila de Beja, no município de Abaetetuba.

**PALAVRAS – CHAVES:** Aspectos Culturais. Folclore. Pescadores. Educação

## RESUMO

Este trabajo discute algunas cuestiones relacionadas con el enfoque socio-cultural en Vila de Beja Abaetetuba aspecto Pará. No - cultural son muchos cambios a lo largo de los años. Los cambios en las últimas décadas, con la llegada de nuevos paradigmas sociales y económicos, la vieja cultura como bailes, fiestas, religión dejó de ser tan en contacto en este lugar .Todavía juegos, pero como dice el dicho popular de " no como los viejos tiempos ", dice. Tratar de demostrar teórica y empíricamente las estrategias de reproducción social de los campesinos de las trayectorias que experimentan las personas que nutren la cultura local , basada en el folclore , así como informes de los pescadores en sus relaciones internas a la unidad familiar, en los espacios y el trabajo productivo , en ganar derechos y ciudadanía , en la ocupación de los espacios públicos , como escuelas, donde junto con la familia son responsables de la educación y la evolución de la ciudadanía ; lo que refleja el grado en que estos cambios han alterado los patrones y estilos de vida del campesinado tradicional. El locus de la investigación se centra en el resultado de la investigación de campo realizada por el autor en diferentes momentos y contextos de la región Village de Beja, en el municipio de Abaetetuba.

**PALABRAS - CLAVE :** Aspectus Culturales . Folklore .Pescadores .educación

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO:</b> .....	10
<b>CAPITULO I: ABORDAGEM DA VILA DE BEJA</b> .....	13
1.1 - IDENTIDADE E CULTURA DE UM POVO: CONCEITOS E RELAÇÕES.....	13
1.2 –CULTURA .....	21
1.3 –CULTURA POPULAR .....	24
1.4 - RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E CULTURA .....	26
<b>CAPÍTULO II: CONCEITO DE FOLCLORE</b> .....	28
2.1- FOLCLORE E SUA HISTÓRIA BRASILEIRA .....	28
2.2- CARACTERISTICAS DE FATO FOLCLÓRICO .....	30
2.3- LITERATURA FOLCLÓRICA .....	31
2.4- LENDAS E CRENDICES ENTRE OS PESCADORES .....	34
2.4.1 – FOLCLORE INFANTIL .....	35
<b>CAPITULO III: CONVERSANDO SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL COM OS FILHOS DE PESCADORES: PARA ONDE ELA VAI?</b> .....	38
3.1- VIDA E ESCOLARIDADE DOS PESCADORES .....	38
3.2- ORALIDADE, TRADIÇÃO E MEMÓRIA .....	40
3.3- RELATOS DE ASPECTOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS DOS PESCADORES.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
<b>ANEXOS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar e discutir alguns pontos que envolvem a abordagem sociocultural em Vila de Beja-Abaetetuba-Pa. No lado cultural são muitas as mudanças ao longo das décadas de (1960 – 2010), com chegada de novos paradigmas sociais e econômicos que trouxeram novas músicas, danças o celular que hoje em dia todo mundo tem; as danças do boizinho (danças e cantigas feita pelas crianças), as festas, religiosas, que eram momentos muito significativos, hoje em dia são frequentadas mais com menos intensidade de serem momentos tão especiais nesta localidade, ainda se brinca, mas como diz o ditado popular “não como antigamente”.

Aqui nesta localidade, as pessoas apreciam a cultura popular da localidade, ainda se aglomeram para ver na rua principal da Vila as procissões dos Santos padroeiros passarem, mesmo que hoje em dia participam com menos intensidade que alguns anos atrás nessa localidade de vila de Beja ainda é possível escutar os anseios do povo, seus costumes, suas crenças. Por isso, este trabalho quer dar importância a esses momentos e dizer de quanto é importante às pessoas se reunirem para prestigiar esses momentos que trazem momentos felizes e porque muitas coisas que faziam parte desta cultura como o cordão do “periquito e o cordão da bailarina” que eram nos anos (50 a 60) disputas culturais muito visadas, pois, segundo relato de Palmira Marinho (uma senhora desta localidade e que era uma das principais integrantes desta dança) era uma dança cultural em que movimentava todos os aspectos como: social, cultural e econômico pois conta-se que o pessoal que moravam nas redondezas da Vila se mudavam para cá para verem a disputa desses dois movimentos culturais se apresentar. a pergunta é por que hoje em dia essas danças não existem?.

Por isso, o papel das famílias é também orientá-los a não se deixar envolver tanto por essas falsas ideologias e deixar suas raízes sua cultura de lado, devemos levar os jovens a discernir a presença do opressor nas expressões populares; ajudar a identificar tais elementos e a expurgá-los. Este trabalho também tem como objetivo compreender como a identidade cultural dos filhos de pescadores dessa localidade se constitui nessa sociedade globalizada, e daí vem à necessidade de escutar os

anseios do povo e nesta expectativa à política como poder governamental para o povo deveria ser exercida junto com o povo e para o povo.

Por isso, este trabalho quer levá-los a pensar do quanto à participação popular é importante, participar é preciso para poder escolher e se sentir parte, porque quando “Eu” participo “eu” exponho minhas “ideias”, e então eu vou construindo “minha” história e quando isso acontece o indivíduo se torna o protagonista de sua própria história, por isso, no decorrer deste trabalho acadêmico com pesquisa, incluiremos o pensar das famílias que fazem parte do grupo de pescadores do Ramal Arienga que são nossos colaboradores no decorrer desta pesquisa. Neste primeiro momento ainda não se comentará as respostas fonte das pesquisas. Serão entrevistadas também, pessoas que ajudaram a consolidar a cultura local através do folclore.

Em vila de Beja, os pescadores concentram suas moradas na beira do rio Arienga e rio Arapiranga por isso quando acontece algum movimento na vila logo percebemos sua presença, porque eles participam em peso para apreciar os movimentos porque ainda entre eles há uma simplicidade que é natural deste povo, já que lidam diretamente com os recursos naturais de água e mata, como se diz na linguagem “cabocla”. São os que ainda fazem trabalhos braçais (pesca e lavoura da terra).

As pessoas quase não encontram tempo, e por isso pouco pode se ver essas brincadeiras, que são importantes para o desenvolvimento de nossas crianças, pois também essas brincadeiras proporcionam bons relacionamentos, onde envolvem a presença do outro o relacionamento harmonioso e fraterno, as corridas no final de tarde, o esconde-esconde, todas são brincadeiras muito divertidas. No entanto, as crianças aqui deste vilarejo passam horas olhando para o celular, sendo que muita delas hoje em dia tem facilidades de possuir este objeto importantíssimo que a tecnologia criou para facilitar a comunicação entre as pessoas, mas que precisa ter limites de uso principalmente para as crianças que ficam o tempo todo no celular jogando esses jogos de games ou face book, que é uma coisa boa em termo de comunicação e relacionamento pessoal, mas que deve ser balanceado entre outros conhecimentos que as crianças e adolescentes precisam.

Esses jovens e adolescentes precisam se informar e saber que vale a pena se interessar, participar das, por exemplo, das festas juninas que se está

modificando, onde tudo isso contribuem para uma participação coletiva trazendo lhes felicidades; importa entender o exercício do poder como mediação, para que o povo seja mais e mais artífice de seu destino e da sociedade que quer construir. Como uma estrela não brilha sem uma aura, também uma política não vive sem uma filosofia ou uma mística. Ela é como uma fonte de águas vivas que se canalizam nas distintas práticas e sempre de novo refaz as forças para encetar a vida desta comunidade onde ainda as crianças e jovens se espelham em seus pais muitos seguem a mesma profissão de seus pais. E isso proporciona uma boa continuidade da cultura.

No primeiro capítulo se fará uma apresentação panorâmica da vila de Beja, sua localização e economicamente o que gera renda e quais meios de trabalho dessa população significado de identidade, conceitos e relações numa abordagem sociocultural. no segundo capítulo, o folclore e a questão folclórica na Vila de Beja; no terceiro capítulo a identidade dos filhos de pescadores em relação ao folclórico, para onde vai? Neste capítulo serão relatadas algumas colocações a respeito da vivência cultural dos pescadores desta localidade. Na ocasião foram entrevistadas nove pessoas entre os quais três mulheres, três filhos e três pais responsáveis pelo sustento de suas famílias.

## **CAPÍTULO I: ABORDAGEM SOBRE A VILA DE BEJA**

### **1.1 IDENTIDADE E CULTURA DE UM POVO: CONCEITOS E RELAÇÕES**

A Vila de Beja está localizada a 22 km da sede do município de Abaetetuba-Pará. É banhada pela baía do Capim, possuindo assim uma belíssima praia, onde no mês de julho os veranistas o procuram para tomar banho de mar. A Vila de Beja constitui o berço da civilização portuguesa no município de Abaetetuba. Em meados dos anos 1635 (século XVIII), os padres capuchinhos conseguiram agrupar uma tribo de índios, tendo fundado uma “missão” de aldeamento, que na época recebeu o nome de “Samaúma”, posteriormente o padre Francisco Xavier Mendonça constituiu a localidade de Vila de Beja.

Os primeiros moradores da localidade foram os indígenas da tribo “Mortiguar”, aldeados pelos padres capuchos. A tribo Mortiguar (de origem marajoara), em dada época atravessou a baía do Marajó e alocou-se à margem direita do Rio Pará, no local hoje denominado Vila do Conde. Os Mortiguás eram povos nômades que a cada período deslocavam-se de um lugar para o outro em busca de lugares melhores e fartos. Os Mortiguar em determinado momento seguiram o curso da praia e chegaram onde hoje é a Vila de Beja não muito distante da Vila do Conde (Machado, 1986).

Os padres capuchinhos ficaram no aglomerado até o ano de 1653, quando foi substituído pelo padre alemão Aluizio Conrado prefeito, que teve bom desempenho e conseguiu fazer um bom trabalho junto com os índios. Dedicavam-se à agricultura e ao extrativismo, plantavam principalmente mandioca e milho, construíram também uma camboa de pedras, à margens do rio Arapiranga de Beja de onde retiravam pescados e mariscos durante a baixa mar para sua subsistência.

Posteriormente padre Aluizio retornou para sua terra de origem e foi substituído pelo padre português Antônio Ekel, que iniciou a construção de um templo para os habitantes do lugar o qual era utilizado para cultos e orações, porém, não conseguiu terminar a construção. Seu templo só foi concluído no ano de 1888, pelo padre Francisco Manoel Pimentel. Hoje o referido templo está consagrado ao culto do Arcanjo São Miguel, conforme registra Jorge Machado, no seu livro Terras de Abaetetuba (1986).

Com a política portuguesa do Marquês de Pombal, foi traçado novos rumos políticos e econômicos, com toda essa mudança feita pelos padres portugueses foi dado o nome do povoado de “Samaúma”, hoje “Beja”, esse nome lembra uma cidade de Portugal. Somente em 1957 foi construída a estrada que liga o município de Abaetetuba a atual Vila de Beja.

Beja apresenta uma topografia plana com um ligeiro declive para o litoral. Atualmente possui uma população de aproximadamente 6.000 mil habitantes. Nas últimas décadas a vila teve um crescimento bastante acentuado, chegando a ser reconhecida como um distrito, sendo formado por várias comunidades interligadas por diversas vias de trânsito fluvial como ramais e rios. As comunidades são: Apeí, Guajará rio e estrada, Itacupé, Maúba, Km 14, Cujari, Arienga e Arapiranga.

Sua base econômica atualmente “segundo relato social dos pescadores locais” é formada pela pesca, agricultura, caça e comércio pequeno além de trabalho operário, pois, os trabalhadores se deslocam para o município vizinho chamado Barcarena, onde funciona um polo industrial de fabricação de alumina; boa parte da população de Beja trabalha neste município, exercendo principalmente atividades de domésticas, ajudantes e pedreiros na construção civil.

Portanto há apenas 30 minutos do município de Abaetetuba, encontra-se o povoado de Vila de Beja. É um lugar que vale apenas visitar, apreciar, se divertir e descansar, um lugar rústico de beleza natural, a praia proporciona passeios fluviais passando por rios e furos com raras belezas naturais e de água doce.

O Distrito da Vila de Beja está situado no município de Abaetetuba, Estado do Pará, na região Norte do Brasil. Beja tem sua origem na catequese religiosa e no aldeamento dos índios, emigrados dos campos Marajoaras. A história do lugar conta que por volta de 1635, os padres capuchinhos, conseguiram aldear uma pequena tribo nômade denominada “Mortiguar”, formando um coletivo a qual denominaram de Samaúma, nome este dado, pelo fato de haver inúmeras sumaumeiras no local e que posteriormente recebeu o nome de Beja pelo padre Secular Francisco Xavier Mendonça.

Vila de Beja chegou a ter certa autonomia através do poder administrativo com a criação de um senado da câmara em 1804. Era constituído por um juiz ordinário que administrava a vila e os oficiais do senado que fiscalizavam as atividades do juiz. Em 1833 quando a província do Pará foi dividida em termos e

comarcas, foi extinto também o senado da câmara de Beja através da lei estadual nº 34 de 30 de dezembro de 1839. Como passar dos anos e o progresso de Abaetetuba, Beja passou a ser apenas um distrito, porém, rico em seu quadro paisagístico.



Fonte: [www.panoramio.com](http://www.panoramio.com)

Segundo Machado (1986), pelo ano de 1963, no governo do prefeito Dr. Francisco Leite Lopes, começaram as obras que facilitaram o acesso dos banhistas a praia de Beja. Foi construída uma ponte em madeira que atravessava o igarapé. A obra fez aumentar a presença de banhistas na referida praia. Havia na época muitas árvores de aturiá (espécie de corticeira) que apesar de espinhentas embelezavam a paisagem e serviam para amarrar os matapís (espécie de armadilha para a captura do camarão), os espinhéis e canoas dos pescadores.

Observando os escritos de Rodrigues (1997).No governo do prefeito Hildo Carvalho, em (1967), a praia teve mais entretenimento, foi construída uma maloca pública no lugar de uma cabana que já existia feita pelo governo anterior. A maloca tornou-se um lugar de referência, as pessoas se encontravam para bate-papo e para tomar cerveja, mas, apesar de passar a ser mais frequente da ainda era pacata e por isso conservava sua beleza natural. Sendo lugar de descanso para os veranistas e de coleta de mariscos para o povo local, que ainda hoje fazem pesca, pescam de matapís no local. Hildo Carvalho (prefeito daquela época) não satisfeito com o

acesso da praia pela ponte de madeira mandou aterrar, abrindo uma rua por onde era o trapiche velho, até chegar à praia, a qual existe até os dias de hoje.

A praia de Beja (Figura 1) ficou no descaso várias décadas, até que em 1990, no governo do prefeito João de Deus ela voltou a ser cuidada, teve espaço de divulgação no jornal O Diário do Pará com o slogan, "A praia de Beja é uma das mais lindas do Estado", em seu governo construiu-se a famosa "Pacoca" (espaço de danças no meio da praia), sendo o ponto de referência e espaço de lazer dos veranistas. A Pacoca hoje não existe mais. ( Diário do Pará; 01/01/1990

A praia de Beja é um local de exuberante beleza, porém, vem sofrendo um intenso processo de transformação advinda da atividade turística que denota o surgimento de novas formas espaciais.

Segundo dados coletados para pesquisa nos livros pesquisados como Machado (1986) a praia de Beja que por volta da década de 60 apresentava-se inabitada, passou por um processo de ocupação e transformação em decorrência da construção da PA – 403 que integra a Vila de Beja ao município de Abaetetuba, e também por conta da construção de uma ponte e de uma maloca

Esse fato impulsionou o fluxo de turistas visando adquirir lucros financeiros através do comércio e que conseqüentemente começam a ocupar o espaço da praia com a instalação de moradia e comércio para atender os banhistas e veranistas que iam ao local

Até a década de 80 existiam poucas barracas (bares e restaurantes) localizadas na praia, já na década de 90 com o asfaltamento da estrada, o fluxo de turistas intensificou e despertou ainda mais o interesse de comerciantes de outros lugares que ocuparam todos os espaços disponíveis para construção de barracas.

Com a extinção dos espaços vazios, começou o processo de compra dos espaços pertencentes aos moradores locais, que entusiasmados com a oferta feita pelas barracas, as vendiam. E com isso surge a necessidade de oferecer o mínimo de infraestrutura aos visitantes.

E nesse contexto que surge o comércio da orla construindo-se desordenadamente as barracas que funcionam como bares e restaurantes também como moradia dos proprietários, sem que estes recebam orientações quanto o uso correto desses espaços e sem nenhum saneamento básico para depósitos de dejetos fecais. Porém a praia de Beja continua sendo muito visitada pelos turistas no

mês de julho e nos feriados que buscam um lugar aconchegante e propício para seu lazer e diversão.

Podemos também destacar em Beja um lugar muito frequentado pelos turistas, o famoso Castelo, nome dado pelo formato criado pela tabatinga endurecida pela ação dos séculos que apresentava na ribanceira amarela, desenhada e decorada pelo musgo esverdeado que fica pela ação do tempo... Era um castelo.

Do alto da beirada do rio as árvores frondosas em forma de bosque encantado derramavam seus galhos por sobre a ribanceira que completavam o cenário. O Castelo é um lugar de muitos mistérios e lendas que são recontadas com muitas saudades pelos moradores antigos do referido local.

Hoje o Castelo já está bastante modificado, porém é um local muito visitado pelos turistas durante as férias de julho e os feriados.

A Vila conta ainda com um sistema de abastecimento de água e eletricidade que funcionam 24 horas, porém não possui rede de esgoto.

No que se refere á educação possui três unidades escolares, sendo uma Escola de Educação Infantil (Rosa Maués Carvalho), uma Escola de Ensino fundamental (Maria do Carmo Araújo dos Santos) e a Escola de Ensino Médio São Miguel.



FIGURA 02 (Foto da autora)



FIGURA 03 (Foto da autora)

A escola é uma das principais instituições responsáveis pelo desenvolvimento humano e pela promoção de aprendizagens que permitam o acesso à cultura e à partilha de práticas socialmente valorizadas e necessárias para a inserção plena de todos. No Brasil, milhões de pessoas jovens e adultas não tiveram oportunidade de iniciar ou completar seus estudos no ensino fundamental. Segundo os dados do

Censo Demográfico (IBGE), cerca de 16 milhões de pessoas com 15 anos e mais não sabem ler e escrever e, 33 milhões tem somente um ou três anos de estudo.

A Constituição Nacional de 1988 delegou direitos no campo educacional, em sintonia com os Direitos Humanos e com a mobilização social em torno da redemocratização do país. Ela estabelece os princípios e os fundamentos da educação. Considerando as demandas do processo de modernização do país, propõe uma educação que busca superar as desigualdades e promover aprendizagens fundamentais para o pleno desenvolvimento humano e inserção na sociedade.

A principal legislação educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), retoma o texto constitucional em seus princípios e fins. Inspira-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Aponta como principal objetivo da educação o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Infelizmente nem sempre são concretizadas as leis. Contudo, conhecê-las e discutir formas de mobilização para exigir direitos e as responsabilidades do Estado é condição fundamental para o exercício ativo da cidadania.

Mesmo sendo a Constituição e a legislação educacional ricas em princípios e suficientemente claras para assegurar o exercício da cidadania, vivemos numa sociedade marcada pela dívida social do Estado para com milhões de pessoas. Numa democracia, que constrói somente na afirmação cotidiana de direitos e responsabilidades, a ação conjunta da sociedade civil organizada (instituição, movimentos sociais, entidades, associações comunitárias, grupos organizados, ONGs, fundações etc.) para fazer valer tudo o que lhes é garantido no papel. Participação, solidariedade e parceria são atitudes e ações fundamentais no exercício de uma postura cidadã diante dos direitos educacionais que precisam ser efetivados, e no controle social das políticas públicas.

A educação tem sido apontada como uma das principais vias para a construção de uma sociedade mais justa, humana e democrática, mas, sabemos que não é qualquer processo educativo que concretiza as mudanças sociais necessárias, é necessário unir o ético e o político na prática educativa, isto é, criar condições efetivas para a definição e apropriação de novos padrões de relacionamento social, impulsionando a práxis do educando, ou seja, é aquilo que

dizia Freire em sua obra sobre teoria e prática em educação popular, 1980: a educação não é jamais neutra, e no Brasil, o sistema ainda insiste de conservar, por isto, é fundamental apoiar e reforçar a educação popular, alternativa garantida de uma educação democrática onde prevalece o modelo de ser humano livre, aberto e crítico diante a realidade da sua comunidade, do seu país.

A educação popular é uma ação que desperta consciências adormentadas e enriquece qualitativamente a comunidade, portanto, é uma atividade que deveria ser mais priorizada, mais apoiada em nossa sociedade.

A vila de Beja possui um posto de saúde, com enfermeiros que atendem casos de menor gravidade e um médico que atende as pessoas da estrada e da Vila, sendo que esse atendimento é insuficiente para o número de pessoas que necessitam de cuidados médicos.

Quanto ao sistema de produção, a economia de Beja é bastante diversificada, a população que até os anos 80 tinha como atividade econômica a pesca e o extrativismo do açaí, o cultivo da mandioca para a produção da farinha, hoje se distribui em várias atividades como: pedreiros, carpinteiros, comerciantes, funcionários públicos etc.

Esse processo de mudança teve como fator principal a instalação do Complexo Albrás/Alunorte no município próximo chamado Barcarena, as atividades como agricultura e pesca antes praticada foi diminuída pelo fato que grande parte da população abandonasse o cultivo da mandioca, o extrativismo do açaí e a pesca, mantendo o necessário para seu consumo.

O comercio na Vila tem como base as mercearias, que vendem produto de alimentação e outros, também possui várias unidades de beneficiamento do açaí, que é um produto bastante comercializado na Vila.

Quanto ao aspecto religioso á comunidade dispõe de várias igrejas onde as pessoas se reúnem para louvar a Deus. São aproximadamente 10 igrejas construídas em alvenaria, sendo destas duas pertencentes aos católicos e as demais são evangélicas.



FIGURA 04 (foto da igreja São Miguel e praça, ano 2013 autoria própria)

Quanto aos Movimentos Sociais do Campo podemos dizer que eles vêm se constituindo ao longo de nossa história como espaço de compreensão e luta da realidade dos povos, de conhecimento e reconhecimento dos saberes, culturas e dos sujeitos do campo.

Movimentos sociais são um grupo de pessoas com posicionamentos políticos e cognitivos similares, que se sentem parte de um conjunto, além de se perceberem como força social, capaz de formar interesses frente aos posicionamentos contrários de outros grupos.

Pessoas que agem, afirmam posições e se sentem vinculadas. Expressam-se como correntes de opiniões sobre diversos campos da existência individual e coletiva, sobre tudo dos segmentos sociais explorados pelos oprimidos e subordinados que passam a competir nos mercados das ideias (...). São forças sociais atuantes que se manifestam através de organizações e grupos de diversas e divergentes naturezas, amplitudes e vigor. (Revista Ensaios: Extensões – nº 5, vol. 1-2º Semestre de 2011)

Na Vila de Beja, os movimentos sociais que mais se destacam são: A Colônia dos Pescadores e AMSETEB (Associação Multi-Setorial dos Empreendedores de Beja).

A Colônia dos pescadores tem como presidente o Sr. Miguel Marinho Leal que está participando do movimento há 25 anos. A Colônia possui 140 pessoas associados sendo homens e mulheres, porém apenas 80% são sócios atuantes, ou seja, pagam suas mensalidades em dia, colaboram na busca por melhorias para o movimento, procuram sempre estar participando das decisões que cabem à associação. Outros visam somente os benefícios que são oferecidos.

A Associação Multi-Setorial dos Empreendedores de Beja - AMSETEB é uma entidade sem fins lucrativos, em busca de benefícios à comunidade, que luta pela falta de informação, infra-estruturar, atendimento na área do empreendedorismo comercial e Multi-Setorial, em prol das famílias e trabalhadores que vivem na informalidade, sem informação e apoio suficiente para que possam procurar ajuda necessária para desenvolverem suas atividades formalmente e independente do município de Abaetetuba, com a intenção de gerar renda e economia dentro do próprio vilarejo evitando assim o deslocamento de seus moradores. ( Cartilha da AMSETEB, 2012).

## **1.2 CULTURA**

Observando os escritos de Cavalcant (2001), Cultura significa cultivar, e vem do latim colere. Genericamente a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, lei, amoral, os costumes e todos os hábitos e aptidões.

A centralidade da cultura, vista como “revolução cultural”, no século vinte, no sentido subjetivo, empírico e material da palavra, expandiu-se além do conhecido. Neste sentido a cultura representa uma importância sem igual no que diz respeito à estrutura e a organização da sociedade moderna tardia. Os meios de produção, circulação e troca cultural, tem esticados suas relações através das tecnologias e da revolução da informação Há diversas tendências contrapostas impedindo que o mundo se torne um espaço culturalmente uniforme homogêneo.

Segundo, Cavalcant, (2001), é possível afirmar que esse saber e cultura são históricos e complexos, a cultura e o saber popular são poderosos diluidores de fronteiras rígidas entre o que quer que seja; pois através de eventos culturais que atraem várias pessoas de diferentes lugares, grupos camadas e classes sociais esses se tornam veículo de comunicação e diluem dores de fronteiras; são eficazes canais de comunicação humana, são meios de fazer das nações redes de solidariedades.

Tais mudanças são relacionadas, de alguma forma, a situações sociais, de classe e geográficas. Estes são apenas alguns dos deslocamentos das culturas do cotidiano. Mas há também mudanças e transformações na vida local e no cotidiano

que foram precipitadas pela cultura. E essas mudanças acontecem de diferentes modos, pois os lugares geográficos influenciam bastante. São raros os lugares que não estão ao alcance dessas forças culturais que desorganizam e causam deslocamentos. Hoje em dia é bastante acessível o conhecimento de imagens de outros povos, outros modos de vida, diferentes dos nossos; nesse sentido podemos observar que sentimentos mais antigos de cultura foram perdendo terreno.

Não se pode falar de identidade de um povo sem falar da cultura, pois, uma está entrelaçada a outra. Ao avaliar a cultura não são comportamentos concretos, o que vemos mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens do mundo. Toda região tem sua história, sua cultura, tradição, costumes, credo, arte, lendas, etc. nos quais se exprime a identidade do povo; povo este que caminha através da história, para fazer sua história.

Segundo, o artigo da Revista Ensaios: “Extensões” – nº 5, vol. 1-2º semestre de 2011 alguns autores da antropologia analisam que a identidade de cada indivíduo não se restringe ou circunscreve à identificação com um grupo determinado, mas sim o somatório de todos os valores adquiridos ao longo da existência e está em constante construção e transformação. No pensamento de Cavalcant, ( 2001) quando fala no texto cultura e saber do povo ela relembra que a cultura e saber de um povo são heterogêneos, abrindo-se num infinito leque de distintas formas de ser ou seja, se, considerarmos, por exemplo, apenas a rubrica “artesanato” a percepção da diversidade de situações sócio-econômicas e significados culturais saltará aos olhos, isso quer dizer que tanto uma obra de arte em determinado lugar em quanto ou em outro o seu valor pode ser o mesmo, a apreciação e o destaque por ser uma arte um talento em determinado lugar; e isso o identifica como talento daquela região. Por exemplo um diadema ritual de penas de pássaro feito pelos índios Carajá, na região centro Oeste do país; o figurado de Barro em Caruaru; Os brinquedos feitos de polpa de palmeira de Abaetetuba, no Pará, .Tudo isso são veículos de visão de mundo e característica de um povo. É justo afirmar entre os pesquisadores da tradição do pensamento, que o Brasil é considerado um país com forte identidade cultural. Hall ( 2005), relata que um amigo canadense e cientista político, afirmou que a identidade é forte entre os Brasileiros, pois a língua comum, a raça mestiça, os imigrantes integrados, a arte barroca, as comidas típicas, a beleza da natureza tropical, a música, tudo isso torna os brasileiros conscientes do que são.

Ainda que a linguagem represente apenas uma das fontes de informação relativas à identidade cultural e social, pode indicar o tipo de personalidade do usuário de uma língua, seus sentimentos, que o identifica como é. O jeito de falar são indicadores de características como idade, sexo, profissão, grau e tipo de educação, nação ou região de origem.

Pode também mostrar traços de personalidade, ou seja, características constantes, inferidas por meios de palavras empregadas, como inteligência, extroversão entre outros, e isso vai aumentando o desenvolvimento da socialização se alargando a outros membros da comunidade todos esses parâmetros são importantes para que o indivíduo cresça como cidadão tanto no campo profissional como no campo pessoal e afetivo. A identidade cultural é um processo de construção no tempo e no espaço. É forjada nas interações entre os diversos segmentos éticos sociais, considerados nas mais variadas formas de contato, informações e conhecimentos propiciados pela globalização dos padrões culturais escolhidos, na medida em que se relacionam com o mundo. Podem negar ou adquirir valores àqueles já existentes no ambiente cultural específico de cada lugar ou sociedade, neste sentido é preciso sugerir até impor uma situação segura de sobrevivência para que as velhas tradições culturais possam se manter.

Para uns, com uma percepção objetiva, a identidade cultural de um indivíduo ou grupo define se a partir de um conjunto de critérios determinantes: à ordem comum, a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva, a ligação a um território, etc. e um grupo sem estes critérios não pode reivindicar uma identidade cultural autêntica. Para outros, com uma percepção subjetiva, a identidade etno-cultural não é mais que um sentimento de pertença ou uma identificação com uma coletividade mais ou menos imaginária.

Dando continuidade Hall (2005) acrescenta que essa constante variação do sujeito social enquanto dependente da complexidade do mundo moderno e a consciência de este sujeito não é autônomo e autosuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele o sujeito, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos como a cultura dos mundos que pertenciam neste sentido a identidade é formada na “interação” entre o Eu e a sociedade. O sujeito ainda é o centro interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado

num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades presentes e marcantes deste mundo.

### 1.3 CULTURA POPULAR

Segundo Rocha (2008) A cultura popular e o folclore se estabeleceu como distinção a partir dos anos 50, Rocha faz referências a um parágrafo do livro de Oliveira( 1992,p. 72), onde declara:

“a identidade entre o folclore e cultura popular se rompe no ISEB (Instituto superior de Estudos Brasileiros). Folclore passa a ser tradição; cultura popular transformação. Cultura popular passou significar um meio para atingir determinado fim, dar consciência ao povo”.

Neste sentido é importante destacar que o ano de sua instituição como pensamento das classes operarias se deu de fato nos anos 60 com o pensamento dos intelectuais que veem três modos de pensar a cultura como arte: arte do povo e também como arte popular relacionada a arte cultural relacionada a indústria cultural características dos meios urbanos e por fim, a arte popular revolucionária ,promovida pelos intelectuais e artistas que queriam transformar a realidade social da época imperando assim uma consciência revolucionária capaz de enxergar e gritar e transformar a realidade.

Outro conceito da construção de cultura popular pensada segundo os intelectuais dos anos 60, no intuito de ganhar uma ideologia para a formação da democracia tanto sonhada pelo povo e pelos intelectuais que até pensaram em uma cultura popular como ideologia política e isso levou tantos poetas e artistas intelectuais a escrever a respeito de4sta nova concepção de cultura vejamos, Estevam (1963 Apud Rocha 2008).

“A cultura popular, essencialmente, diz respeito a uma forma particularíssima de consciência: a consciência política, a consciência que imediatamente deságua na ação política. Ainda assim, não a ação política em geral, mas a ação política do povo. Ela é o conjunto teórico-prático que co-determina, juntamente com a totalidade das condições materiais objetivas, o movimento ascensional das massas em direção à conquista do poder na sociedade de classes”.

Outros intelectuais da época que segundo Rocha, (2008) relata em seu artigo é do escritor, Gullar (1965, p1), ele também problematizou o tema cultura popular; quando diz que a cultura deve estar a serviço dos interesses do coletivo e essa identificação ou definição vai depender muito de quem escreve o escritor, o poeta etc. Segundo Gullar (1965, Apud Rocha 2008).

“A expressão ‘cultura popular’, surge como uma denúncia dos conceitos culturais em Volga que buscam esconder o seu caráter de classe. Quando se fala em cultura popular acentua-se a necessidade de por a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses coletivos do país. Em suma, deixa-se clara a separação entre uma cultura desligada do povo, não-popular, e outra que se volta para ele e, com isso, coloca-se o problema da responsabilidade social do intelectual, o que obriga a uma opção. Não se trata de teorizar sobre a cultura em geral mas de agir sobre a cultura presente procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la.

Nos anos de 1940 – 1960, existia uma forte influência dos CPCs ( centros populares de cultura) e UNE,( união nacional dos estudantes). Segundo Rocha (2008), é nos anos 60 que é institucionalizado o conceito de cultura popular é no meio artístico e científico que ele torna-se relativamente autônomo em relação ao folclore. Existia na época conceitos em relação a sociologia e ao pensamento de Frankurt que dividiam a definição de cultura popular. Isso implica significados diferentes em relação ao conceito de cultura popular, vejamos que uns intelectuais Veem a cultura como ora uma alienação e em outros sentidos resistências e ainda para outros autores como(“ Bakthin e Roberto da Matta) “carnalização”. Em meio a tudo isso os intelectuais dos CPCs ( centros populares de cultura), dramatizam em três modos de pensar a cultura como arte, vejamos.

“Arte do povo como equivalente do folclore; a arte popular como aquela relacionada à indústria cultural e características dos meios urbanos; e, por fim, a arte popular revolucionária como sendo a arte produzida pelos intelectuais e artistas como o propósito de produzir a consciência de classe e, por conseguinte, a transformação da realidade social. Fica evidente que o uso feito pelos cepecistas do conceito de artes no lugar do conceito de cultura apresenta forte conotação “metodológica individualista” num plano de um discurso ideologicamente comprometido com as classes e o povo, reafirmando assim o sentido do intelectual como guia da vontade popular. O conceito de “cultura popular” assume então, no quadro do pensamento cepecista, uma função pedagógica e messiânica na medida em que se apresenta como condição para libertação.  
( Gilmar Rocha, 2008)

#### **1.4 RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E CULTURA (ou educação escolar e cultura)**

Segundo o pensamento de Moreira e Candau, (2003) que em seu artigo sobre educação escolar e cultura: construindo caminhos eles identificam a problematização das relações entre escola e cultura onde são práticas muito ligadas que podemos dizer que são inseparáveis uma da outra pelo fato das duas serem responsáveis pelo processo educativo, eles resumem que não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e exclusivamente do momento histórico em que se encontra, vejamos a seguir uns relatos desses autores.

“A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios nós profundamente articulados. Se partimos dessas afirmações, se aceitamos a íntima associação entre escola e cultura, se vemos suas relações como intrinsecamente constitutivas do universo educacional, cabe indagar porque hoje essa constatação parece se revestir de novidade, sendo mesmo vista por vários autores como especialmente desafiadora para as práticas educativas. A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade”.

( Moreira e Candau, 2003)

Com o fortalecimento das identidades locais, os grupos étnicos recebem fortes reações defensivas, dos grupos étnicos “dominantes”, que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. Pois a que persiste com muita intensidade é a da tradução que possibilita formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, e isso destinou as pessoas de viverem dispersos de sua própria terra de origem, mesmo vivendo em lugares diferentes de sua terra natal, elas não perdem os vínculos de seus lugares de origem e suas tradições. Sem possibilidades de retornar aos seus lugares, são obrigadas a compactuar com as novas culturas em que vivem sem se tornar uma nova pessoa e sem perdera sua identidade natural. Porém elas carregam os traços de suas culturas, tradições, língua e histórias particulares pelas quais foram marcadas. A grande diferenciação é que elas nunca serão unificadas no velho sentido, pois, elas são irrevogavelmente, o resultado de várias histórias e culturas interconectadas, pertencentes a uma e ao mesmo tempo várias “casas”.

## CAPÍTULO II – CONCEITO DE FOLCLORE

### 2.1 FOLCLORE E SUA HISTÓRIA BRASILEIRA

Segundo, Benjamin (1989). A palavra folclore significa encaminhar os elementos da tradição oral, da arte entre o povo e o seu estudo própria mente dito. Ela foi criada em 22 de agosto de 1846, em Londres, pelo arqueólogo inglês William John Thoms, ele baseou – se em duas velhas raízes saxônicas: folk, que significa povo, e lore, saber, formando, assim, folk-lore, sabedoria do povo.

Pesquisadores e estudiosos evidenciam influências do folclore vista de diversos ângulos. Do ponto de vista, vida cotidiana, essa influência é construtiva, correspondendo motivações de existência dos indivíduos. Por outro lado a ciência e a tecnologia desenvolvidas no passar dos anos acabaram por considerar todas as tradições populares, que passaram de geração a geração, como fruto da ignorância do povo.

O estudo sistemático e minucioso do folclore demonstrou sua importância, caracterizando a formação cultural de um povo e de seu passado, além de mostrar como é a cultura popular atual, pois o fato folclore é sempre resultado de uma época. Tal é a importância dos estudos sobre o folclore que, no século XIX, a pesquisa proliferou por todo o continente europeu, levando em consideração o fato de que a cultura popular poderia desaparecer em virtude das urbanizações das cidades e o modo de vida urbano. O folclore tornou-se o principal elemento nas obras artísticas, despertando o sentimento de nacionalidade de cada povo.

“O folclore estuda os produtos da mentalidade popular. O povo tem uma ciência a seu modo, uma arte, uma filosofia e literaturas anônimas, que se conta de geração em geração sem se preocupar quem foi o pai de determinado fato ou acontecimento. Tem também um direito, uma religião e uma moral que se distinguem dos que lhe são impostos pela cultura acadêmica que lhe acompanha a vida toda por influências ambientais, embora tudo isso tenha acontecido por uma origem cultural remota, mas já trabalhada por um inconsciente processo de adaptação da psique coletiva”.

(Roberto Benjamin, 1989)

Segundo Rocha (2008), nos anos de 40 e 50, o folclore era considerado um tema “quente”, e que por tantos que lutaram e incentivaram esta modalidade de

cultura é que se tornou um movimento organizado, produtivo e influente no cenário cultural brasileiro, um dos frentistas desse movimento como Renato de Almeida; um intelectual dinâmico com fortes influências no meio político nacional. Entre os anos de 1947 e 1964, a atuação da comissão nacional de Folclore e a campanha em defesa do Folclore Brasileiro não deixam dúvida quanto à importância política deste tema no cenário nacional, inclusive na produção da cultura brasileira.

O primeiro congresso brasileiro de folclore aconteceu em 1951, neste congresso foi instituída a sistematização e destacando a problematização do conceito de folclore, pois muitos estudiosos na época não aceitavam essas definições que faziam parte do folclore. Um desses autores como Renato Almeida, discordava desses conceitos por estar omissos certos conceitos e por muitas ambiguidades quanto ao seu significado.

A Carta do folclore Brasileiro estabelecia o seguinte:

“... reconhece o estudo do folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar como folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda a sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual”. (Comissão nacional de Folclore, carta do Folclore Brasileiro, 1995)

Segundo Roberto Benjamin constitui o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica. Esses pontos debatidos e não consolidados por muitos foram causa de discussões por muitos anos devido à incoerência de sua abrangência, o fato é que houve a releitura da carta em 1995, durante o VIII congresso Brasileiro de Folclore, para a sua atualização, considerando a incorporação das contribuições de estudos integradas às ciências humanas e de letras. A nova inclusão abrangeria também a adoção de novas tecnologias, especialmente na área da comunicação e das transformações sociais, e com isso novos conceitos do folclore foram reconstituídos em: “Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social”. Constituem-se

fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação, tradicional idade, dinamicidade, funcionalidade.

Com todas essas mudanças, principalmente da conceituação do folclore várias características dadas ao folclore foram relativizadas ou tomaram novas formas. No começo do século XX, nesse tempo é que o folclore toma novas formas e torna-se “objeto” de interesses dos intelectuais brasileiros, o estudioso Amadeu Amaral foi um dos intelectuais que mais levou adiante as possibilidades de uma nova forma de pensar;

## 2.2 CARACTERÍSTICAS DE FATO FOLCLÓRICO

Segundo Rocha (2009), Para que seja determinado um acontecimento como fato folclórico, ele deve apresentar as seguintes características:

- Segundo a tradição que é transmitida de geração em geração;
- Através da oralidade que é transmitida pela palavra falada;
- Não tem autoria, puro anonimato;
- Pela funcionalidade onde existe, uma razão para o fato acontecer;
- Coletiva aceitação: há uma identificação do cidadão comum com o fato;
- Há certa vulgaridade: ocorre nas classes populares e não é aceito pelas elites;
- Acontece uma espontaneidade: não pode ser oficial nem institucionalizado.

As características tradicionais, oralidade e anonimato podem não ser encontrados em todos os fatos folclóricos, como no caso da literatura de cordel, no Brasil, onde o autor é identificado e a transmissão não é feita oralmente.

Rocha (2006), segundo o qual “pensar acultura popular como sinônimo de tradição e reafirmar constantemente a idéia de que sua idade de ouro deu-se no passado é extensivo ao folclore”. Nesse sentido e cultura popular passam a significar um meio para atingir determinado fim, dar consciência ao povo.

Neste sentido implícito, o elemento que parece sustentar a destruição entre o folclore e a cultura popular consiste no desenvolvimento da sociedade urbana, culturalmente marcada por visões de mundo e estilos de vidas modernas. Neste momento, sem perder de vista a convivência de manifestações folclóricas e da indústria cultural no espaço urbano, o conceito de cultura popular será

profundamente marcado pelas experiências artísticas e percepções políticas desenvolvidas na cidade; o que observa, os intelectuais e a organização da cultura e literatura e vida nacional, de Antônio Gramsci, ambos publicados em 1968. Em suma, neste confronto a questão da cultura popular continua em ‘tema quente’, sendo pensada, discutida, problematizada e politizada em vários espaços da vida social e cultural do país, destaca Brandão (2000).

Segundo Rocha (2009) de fato, é nos anos 60 que o conceito de cultura popular institucionalizada - se no discurso artístico e científico, tornando-se relativamente autônomo em relação ao folclore. Por outro lado, outros concertos passaram dividir o campo discursivo referente a cultura popular na compreensão , que todos esses problemas só encontrarão solução si se realizar profundas transformações na estrutura sócio - econômica e conseqüentemente no sistema de poder .cultura popular é, portanto, antes de mais nada, consciência revolucionaria

Neste período da historia que envolve os anos 60, a cultura popular associada ao folclore visava à construção da nação, agora ela se aproxima da idéia da revolução. Na extremidade, tal postura significava que a cultura popular, vista como expressão das classes subalternas, era portadora de uma cultura “autêntica”, pura e, portanto, menos influenciada pelos pensamentos e o acontecimento do momento. Entre os tempos aéreos do folclore e o movimento cepecista nos anos 60, a oralidade sugere um continuo não entre o ‘fato folclórico’ e a arte o povo ou arte popular, mas sim entre os intelectuais folcloristas e cepecistas que falam” por sobre os ombros” do povo “, em quanto porta vozes do “popular”

### **2.3 LITERATURA FOLCLÓRICA.**

Mitos, poemas, contos, adivinhas, canções, histórias de aventuras, ritos e provérbios transmitidos por via oral são modalidades da literatura folclórica. Essas formas literárias são objetos de incontáveis repetições diante de platéias que, continuam a ouvi-las com deleite. Segundo Machado (2008) Após a intenção da escrita, três ou quatro mil anos antes de Cristo, Formou-se uma cultura própria das classes superiores que se utilizavam dos textos escritos, enquanto o povo humilde e iletrado continuava a repetir e a recriar os temas mais antigos. O fato de a cultura

oral ser muito comum entre a população cria uma facilidade de divulgação e até de escrita.

Machado (2008), fala muito sobre essa relação que a literatura folclórica tem com a mitologia, observe abaixo.

(...) A literatura folclórica tem relação com a mitologia e está geralmente pontilhada de fórmulas narrativas como “Era uma vez...”, “... casaram-se e viveram felizes para sempre”. Mesmo expressões desprovidas de sentido, mas úteis para a memória, facilitam a repetição correta de uma história contada ao longo de gerações. Essa facilidade de repetição pode ser apreciada nas canções folclóricas dos mais diversos povos. Em alguns casos, essas canções praticamente dispensam uso de textos e isso demonstra que seu elemento mais importante é a música. Em contrapartida, na Ásia e na Europa ocidental, as canções costumam apresentar uma associação perfeita entre a melodia e extensos poemas de aventuras, de cunho heroico ou doméstico.

O teatro também, segundo Machado (2008), é um componente do Folclore. Normalmente consiste em danças acompanhadas de repetição de poemas ou textos sagrados. Em Vila de Beja o exemplo mais comum desta característica folclórica e a dança do cordão do boi “Estrela D’alva”, (representado pelos adultos) ou do boizinho, (representado pelas crianças). A seguir uma das canções do cordão do boi, cantada por seu Juquita (membro do cordão do boi): *Estrela D’alva chegou nesta sala a ladrilhar com sua pedrinha de diamante para o nosso boi brilhar, dança, dança, meu...*

As músicas e danças folclóricas aqui da Vila de Beja; Na origem das danças folclóricas encontram-se sobrevivências de ritos pré históricos, ainda que em muitas seja também evidente a contribuição das novas religiões, como a cristã.

Neste sentido Machado, (2008) comenta em seu escrito sobre folclore que todas as culturas criaram formas musicais para acompanhar seu trabalhos, ritos e festas. Os folcloristas acreditam que tais canções sejam frutos de criações individuais, mesmo que depois apresentem alterações introduzidas por seus usuários. A Festividade de São Miguel é um exemplo dessa manifestação, pois o Hino de São Miguel é muito antigo e religiosamente falando a letra retrata uma guerra onde o Arcanjo Miguel vence o dragão (demônio) eis abaixo sua composição que deve ser dos séculos passados:

Irmãos devoto louvemos, o Arcanjo São Miguel  
 Que lutou contra o demônio, e venceu o infiel.  
 Satanás no céu querendo ter assento igual a Deus  
 Pós em campo sua tropa, de malvada ação deu.  
 Deu sinal, tocou trombeta, pôs- se em forma de batalha;  
 Levantou a bandeira que tinha escrito “Fornalha”.  
 No primeiro batalhão vinham primeiros cavalistas,  
 Altos, néscios, charlatões e trapaceiros legistas.  
 Vendo isto São Miguel ergueu-se com brevidade  
 E clamou com energia dando ciência a verdade.

O demônio já pesava ser senhor do céu e da terra.  
 Tendo por si sua tropa fez com que Deus fizesse guerra.  
 Satanás precipitou-se lá do céu abaixo ao chão.  
 São Miguel o com forte e duro grilhão.

Por volta dos anos 50 – 70 existia em Vila de Beja dois fortes movimentos folclore que era o cordão do Periquito e da bailarina seu Juquita canta abaixo alguns trechos de canções que eram cantada nas apresentações destes movimentos:

Trecho da canção de estrada da Bailarina

Eis aqui a formosa bailarina  
 Que nós aqui viemos lhe trazer  
 Queremos que nos receba  
 Todo cheio de prazer.

Trecho da canção da saída  
 Ò bailarina me dá um lenço  
 Que eu quero chorar por ele  
 Eu não choro pelo lenço  
 Eu só choro pela dona dele.

Trecho da canção do cordão do periquito  
 Sua cigana que vem do Egito  
 Vem pra nossa festa do cordão do periquito  
 Aviso meus amigos que já chegou a hora  
 Quem não tem dinheiro que vá caindo fora.

Ó periquito no galho da mangueira  
 Quando dão vento ele grita em brincadeira  
 O dado vai ser bailado para o periquito  
 Que tem o bico dourado.

Trecho da canção do cordão da bailarina  
 Que tantas moças, que tantas flores,  
 Que tantos botões de laranjeiras  
 De todas as moças que aqui tem vindo, a bailarina  
 Sempre foi a primeira  
 O nosso cordão é cem por cento e não tem  
 Competidor, rapaziada em quebradinho branco  
 sapato preto e camisa azul.

## 2.4 LENDAS E CREDICES CONTADAS PELOS PESCADORES

Ainda no folclore de Vila de Beja que envolve os pescadores e suas famílias. Se houve muito falar de assombração feita pela mãe do mato abaixo vai o relato segundo Lobato, Nazaré (2004).

Figura mitológica da floresta paraense a “Mãe do Mato”, preside os destinos da flora e da fauna, guardando mata virgem, o “Saroba” das capoeiras baixas até o “Sará”, arbusto pequeno eu nasce nos igarapés. Os indígenas a chamam de “Caá-manha”, a “Mãe do Mato”, a mãe de tudo que diz respeito ao agreste selvagem, rústico, bravio, ao terreno coberto de capim de pequeno tamanho, até o matagal coberto por mata brava e os bosques espessos.

Caá-manha adora pousar nas caatingas, mato ralo de árvores pequenas e tortuosas, ali se sente segura entre a zona de vegetação. Caminha pausadamente segura de si na clareira no meio do campo e penetra em cada capão de mato, por passagens estreitas picadas abertas a facção, mateja embrenhando-se nos campos de desertos das altas montanhas, com a altivez de deusa que preside aquilo tudo, cheia de sutileza e soberania, impondo pavor nos caçadores e balateiros, e mais quem se aventurar invadir os seus domínios.

Contam que nos acampamentos feitos na mata ou manguezais, quando os trabalhadores saem para o serviço de derrubada, ou de colher leite da seringueira ou pescar, desatam as redes, desfazem as camas para evitar que a mãe do mato, venha colocar em cada leito algum graveto, como sinal, que passa fazer efeito de morfina, dando dormideira no incauto que ali se deitar, favorecendo que seja devorado por animais fabulosos que habitam nas matas brenhosas, conta ainda à lenda que quando passa a mãe do mato, deixa a pessoa tonta, confusa e perde a direção do caminho de volta para casa, uma vez uma senhora que estava com depressão saíram a caminhar pela estrada e matas e nunca mais voltou, todo o povoado saiu por dias procurando e não o encontrou dizem que a mãe do mato a tomou para si. Diz a tradição, que Caá-Manhã, é protetora de bichos mitológicos, ferozes assustadores que comem sem dó nem piedade o ser humano que encontrar.

Outra história que é muita contada entre os pescadores do Ramal Arienga é a do “Calça Molhada”. O “calça molhada” contado por seu Juquita, morador do Ramal Arienga.

Segundo ele o calça molhada é um pescador que morreu afogado, devido uma grande ventania que sempre dá seis horas da tarde que o camarada se for frouxo acaba se “peidando” tudo de medo, então as duas da madrugada que era o horário que ele passava par ir mariscar e arranjar o alimento das crianças então passa aquele barulho de caça molhada esfregando entre as pernas e agente quando escuta chega dá arrepio de medo.

(Juquita Cardim, 81 anos)

#### **2.4.1 FOLCLORE INFANTIL.**

Em Vila de Beja ainda se vê muito crianças brincando na frente de suas casas, principalmente à noitinha. Na área do folclore infantil inserem-se as

brincadeiras de roda (atirei o pau no gato, to, to, ciranda cirandinha entre outras), as parlendas como pega-pega, pira-alta, for muletas para escolher o pegador (a mãe); jogos (corrida de bandeirinha, pira-pira, queimada, cemitério, macaca e peteca. Mas o preferencial e mais comum é o do futebol a garotada se diverte e solta muitas risada. Uma das brincadeiras que já envolveu toda a população da vila de Beja é a dança do bozinho que já fazem alguns anos que não teve mais, abaixo é relatado por Rômulo Marinho (17 anos) no ano de 2005 participou como o vaqueiro da dança, segundo ele a brincadeira é composta por vários membros e cada um com suas funções eis os nomes das personagens: os dançarinos, que dançam em baixo do boi(02), os vaqueiros (02), a catirina (01),o nego Chico(01), o pajé(01) os índios(05) o padre reverendo (01) os coroinhas(05) o dono do boi (01) o amo do boi (01) dona Maria a filha do dono do boi, a cigana, o doutor e seu ajudante. A história é contada segundo a história do bumba-meu-boi contada no maranhão e região do Pará e em especial nesta localidade de vila de Ramal Arienga a histórica é o mesmo mais contada segundo o palavreado dessa região com seus símbolos e palavreado próprios dessa região da Amazônia, eis o relato dessa história: Essa dança é um bailado popular largamente praticado no Brasil. Há um pequeno enredo, de grande simplicidade, e após algumas peripécias o boi é morto e sua carne distribuída. O animal morre muitas vezes e ressuscita ao mesmo tempo.

A dança se dá através de uma história cantada. O fazendeiro tinha um boi de raça, muito bonito, querido por todos e até sabia dançar. Na fazenda, trabalhava Pai Chico, também chamado negro Chico, casado com Catirina, os vaqueiros e os índios. Catirina fica grávida e sente desejo de comer a língua do boi. Pai Chico fica desesperado. Com medo de Catirina perder o filho que espera, caso o desejo não seja atendido, resolve roubar o boi de seu patrão para atender ao desejo de sua mulher.

O fazendeiro percebe o sumiço do boi e de Pai Chico e manda os vaqueiros procurá-los, mas nada encontram. Então, o fazendeiro pede que os índios ajudem na procura. Os índios conseguem encontrar Pai Chico e o boi, que havia adoecido, e levamos à presença do fazendeiro, que interroga o seu empregado, e descobre por que ele havia levado o animal. Os pajés (ou doutores) são chamados para curar o boi e, após várias tentativas, conseguem. O animal levanta-se e começa a dançar alegremente. Então, o fazendeiro perdoa Pai Chico e tudo termina em festa.

Na outra história, bastante comum na Bahia, o boi não revive e seu corpo é partilhado. Não existe uma época específica para o bumba-meu-boi. A data varia muito de região para região e, até mesmo, dentro de uma mesma região.

Pai Francisco (Chico) É personagem central do bumba-meu-boi. Ele corta a língua do boi predileto do coronel para satisfazer o desejo da mulher grávida. Em seguida, é só não é morto pelo milagre do boi, que volta a viver para que ele possa ganhar a liberdade.



FUGURA 05 (autoria própria)

## **CAPÍTULO III: CONVERSANDO SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL COM OS FILHOS DE PESCADORES: PARA ONDE ELA VAI?**

### **3.1 VIDA, VALORES E ESCOLARIDADE DOS PESCADORES.**

Neste capítulo abordaremos a função que as famílias vêm desempenhando em relação às transformações sociais que vem ocorrendo na vida das pessoas, desta localidade de vila de Beja – Abaetetuba; nesta abordagem foi analisada a partir de entrevistas junto às famílias de pescadores, sendo: três pais- dois filhos mais novos dois mais velhos. Como se encontra a escolaridade e aprendizagem dessas famílias.

Analisando as respostas dos pescadores em relação ao estudo, muito já se avançou nesta área pois, tem filhos de pescadores concluindo seu ensino médio coisa que algumas décadas atrás nem se podia imaginar que em Vila de Beja em especial entre os ribeirinhos pudesse chegar à conclusão de um segundo grau como é chamado entre os pescadores. Mas, também pode se constatado que ainda existe muito analfabetismo entre os pescadores principalmente os da faixa etária de 30 a 70 anos de idade, muitos contam que antes era difícil se chegar até a escola pois precisavam trabalhar e ajudar no sustento de suas famílias. A vida era mais difícil não se tinha toda a facilidade que se tem hoje em relação ao estudo; nem sequer tinha o segundo grau em vila de Beja era preciso ir até a cidade de Abaetetuba e, cadê o transporte para chegar lá? Ainda que tinham que trabalhar para ajudar no sustento de suas famílias. Uma outra característica própria dessas pessoas pescadores é que eles casam-se muito cedo um exemplo é da família do seu Raimundo o filho dele que nos deu entrevista é que com apenas 27 anos já tem três filhos, isso prova que a vida sexual dessa classe de pescadores começa muito cedo e isso interfere em continuar seus estudos, nas entrevistas também foi visto que os pescadores dependendo da maré eles precisam ir pescar à noite para o sustento das famílias, e, isso dificulta a frequência na escola.

Sabemos que o cotidiano dessas famílias de pescadores que vivem em uma sociedade complexa, sujeitos às mudanças sociais, que acabam criando novos termos de comportamentos. A gradativa perda de normas e limites adquiridos no ambiente familiar das pessoas que se encontram em situação de conflitos sociais e

culturais. Faz com que os mesmos criem formas de resistência, de sobrevivência através de estratégias e estilos de vida diversificados.

É neste contexto que a busca a partir das entrevistas realizadas, busca compreender como a sociedade contribui no sentido de promover a valorização das pessoas em participar em tudo que diz respeito à vida das pessoas desta localidade. A sociedade como um todo. Diversos pontos de vista são encontrados, quando se propõem um estudo acerca do papel e importância da escola no processo de construção e desenvolvimento do indivíduo como ser social.

Tendo em vista que a identidade cultural dos pescadores, principalmente dos mais novos, depende exclusivamente dos laços tradicionais que de geração em geração vem se perdendo como o folclore de hoje, ou seja, as danças, os grupos que se formavam para representar os valores, costumes, crenças de um povo. Segundo Cavalcant, (2001), contextualizar e relativizar as noções mestra-folclore e cultura popular- que fundam o assunto em pauta é nosso primeiro passo. Identificamos hoje, aparentemente com bastante facilidade, certos processo e formas artísticas e culturais – aqui em Vila de Beja o mais falado é o boizinho (dança feita com as crianças) como pertencentes aos domínios do folclore e da cultura popular. É fundamental, entretanto, que possamos aprofundar nossa percepção, enxergando não só a dimensão histórica como cultural desta região e, portanto, viva e muito dinâmica, desses processos culturais, como a dinâmica que envolve todas as pessoas querer e fazer com que o folclore se torne uma categoria de novos pensamentos, e isso contribui para uma nova organização social. O caráter dinâmico e contemporâneo das manifestações dessa população de pescadores revela-se, sobretudo, na abordagem do tema privilegiado das preocupações do movimento folclore: por exemplo, os fogos de artifícios ( foguetes ), que são muito usados nas festas populares. Na tradição popular os foguetes expressam a cultura popular como forma de integração, inseparável da vida cotidiana o barulho do foguete está avisando ou convidando o povo à participar da festa ou evento sendo ele religioso ou profano, tem o mesmo sentido de convidar a população.

Neste sentido o folclore é ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura popular deve estar em harmonia como os acontecimentos que emergem no contexto histórico político e social, os quais fazem parte da vida social.

Em Vila de Beja o folclore ainda reúne estas populações isoladas, mais que convive com a natureza, como a beleza das águas da flora e da fauna que se renova a cada dia, onde nasce uma nova espécie. Diversifica a vida. Com uma variabilidade espacial e temporal sem paralelo. A Amazônia abriga uma fauna e uma flora que não podemos quantificar. Pois não sabemos ao todo quantas são as espécies animais e vegetais dessa região e a cada um desses organismos carrega informações para viver, para sobreviver. Me lembro que o senhor Rosalvo falou que a alegria dele era de manhã em ver o por do sol, para ele não existe outra coisa mais maravilhosa do que esta. Qual seria o valor econômico dessa realidade para o homem moderno? Essa região que se encontra dentro da Amazônia é uma realidade única, tem sua gente. Tem sua cultura, tem seus interesses, e que também dá sua contribuição ao desenvolvimento nacional. Segundo a reportagem da revista Amazônia (comissão episcopal para a Amazônia), que a Amazônia aprendeu da pajéia à biologia molecular que não há fórmulas importadas capazes de minimizar suas carências. Não há como construir uma cerca ao seu redor. Aprendeu que pode e vai encontrando seus próprios caminhos, respeitando a vida, parte da biodiversidade, do que vai escondido em cada relação da gente, dos bichos e do mato com o meio ambiente e que se torna conhecido na mesma medida do seu desconhecimento, que se mede na sua própria mensurabilidade.

### **3.2 ORALIDADE, MEMÓRIA E APRENDIZAGEM.**

A informação da memória coletiva requer um ponto fundamental que mostrar que a cultura é informação, codificação, transmissão, e conclui, de forma a não deixar lapsos: somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória.

Reunindo elemento, objetos e as séries culturais presentes na região amazônica (lendas, festas populares, rituais sacros, profanos|), refletem sobre as etnias da formação brasileira e latino-americana, ao narrar fatos da história, procurando sempre manter viva a lembrança dos episódios. Dessa forma em varias localidade afastadas muito se aprende com a oralidade, um conhecimento que vem sendo repassado de geração em geração. E vivendo em país como o Brasil, rico na

mistura de etnias e conseqüentemente uma gama de conhecimento transmitida através da oralidade.

No município de Abaetetuba essa realidade não é diferente a comunidade de pescadores entrevistada, ainda se utiliza dessa aprendizagem para ensinar o ofício de pescador aos mais jovens. Essa oralidade se faz presente nas diversas mestiçagem étnica e cultural que também podem ser encontrada presente nas obras de artes verbo-visuais-sonoras desse criador e comunicador e não se pode falar de obras apenas como objeto estético, pois, que funciona também como documento antropológico, político, social e cultural. É como diz Salles (2004, p. 27): “O artista está em seu momento histórico, cultural e social, no ambiente no qual o processo está inserido e que, naturalmente, o nutre e forja algumas de suas características”.

A América Latina é lugar de extrema complexidade (significados múltiplos e móveis) e é um lugar “entre”, em constante movimento. Vivemos, na América Latina, em sociedades imersas em pluralidade cultural e inúmeros tipos de conhecimentos que se entrecruzam constantemente.

O Brasil sempre foi uma sociedade formada por inúmeros elementos tribais, migrantes, imigrantes, convivendo com a modernidade. Na cultura Brasileira estão variados objetos (culinária, mobiliário, arquitetura e artesanato) que são compostos por código de linguagem, provenientes de todas as civilizações que vieram e das que aqui já se encontravam – os índios – que na sua maioria eram (também) imigrantes, em trânsito.

### **3.3 RELATOS DE ASPECTOS SOCIAIS ECONÔMICOS E CULTURAIS DOS PESCADORES.**

Em Vila de Beja não é diferente do que foi visto no trecho acima em relação a formação da comunidade de pescadores pois, a formação deste povo se deu também pela aglomeração de pessoas vindas de diversas partes do estado, principalmente de Belém do Pará pelo fato da “facilidade”, de se ganhar o “pão de cada dia”, (alimento trazido do mar, como o peixe, camarão). Ainda que Vila de Beja possui uma área de terra com uma riqueza de plantação de açaí que fica localizada na parte de vargem que durante o ano todo se encontra o delicioso açaí (uma palmeira da Amazônia de onde se colhe o delicioso açaí fruto que não pode faltar na

mesa dos paraenses). Por isso a cada ano mais pessoas vem para cá em busca dessa vida mais fácil em se ganhar o alimento de cada dia. Por isso como dizem os pescadores que logo abaixo irão relatar como está a identidade cultural dos pescadores dessa região que são neste trabalho nosso público alvo. Neste sentido os pescadores falam em suas entrevistas que nos últimos tempos houve muitas mudanças, tanto no lado social, cultural, como no modo que hoje está à pesca em Vila de Beja, especialmente no rio Arienga. Em suas entrevistas eles relatam da alegria do pescado, mas também da preocupação do futuro da pesca, relato abaixo:

Nós só vevi da pesca, agente pesca de matapi, de anzol e rede, agora nós pesca porque a nossa profissão é esta, olha tem dia que dá o peixe a vontade, mais tem dia que não trazemo nada de fora. A pesca é uma opção de trabalho, é um trabalho cansativo, é pesado, saímos as seis horas manhã, e voltamos as seis horas da tarde, agente não larga dessa profissão. Me sento feliz nessa profisson; já tenho 45 anos de profissão, já criei meus filhos com a pesca, a pesca é uma profisson que envorvetuda a família.

Minha família vem de geração de pescaduris, o pai do meu pai era um grande pescador no arienga, o meu pai me ensinu essa profisson.

A diversão dos pescadores é as quadrilhas o arraiá junino, o carnavá e festividade de São Miguel, que há anos atrás era dançante e também as festas dos outros Santos que quando terminava as reza, se guardava os Santos e o pó torava no salão( começavam a dançar). A maior diversão do pescador é a festa dançante, onde cherga os pescadures é tudu divertido – duas cuisa que o pescador gosta é a festa e a bola e a maior alegria do pescadur é trazer uma piraíba de fora (do mar) e chega em casa topa a família bem a mulher alegre.

(Raimundo Marinho Neves, 59 anos)

Esses relatos mostram que a pesca é um trabalho prazeroso mais que também como o diz o caboclo é: “sacrificoso”, porque tem tempo que o pescado está escasso, já não se tem mais em abundância, e o que vão fazer esses pescadores que vivem exclusivamente da pesca. Outros relatos dessa realidade.

Há 30 anos pesco, hoje em dia não dá mais sobreviver só da pesca eu sempre fui pescadur foi por causa que tinha puco estudo minha mãe não teve condiçõn de me mandar educar por isso não tive outra opçon. Me sinto feliz de pescar .a maior alegria de um pescador é quando ele vê ao manhecer lá fora, isso é tudo. Meus tios me ensinaram essa profisson.

(Rosalvo Marinho, 63 anos)

Essas perspectivas de que o homem da natureza ou seja aquele que vive diretamente do que a natureza produz acredita e espera sempre por dias melhores é que vivem muitos pescadores como:

Sou morador do Rio Arienga de Beja, desde que me entendi sempre pesquei, mais o que comprova que sou pescador é a minha carteira de pescador que me associei há 12 anos atrás. O peixe dá conforme o ano, a maré a pesca é meio difícil, tem ano que dá com abundância. A pesca é uma opção de trabalho é onde me acho é dela que tiro para sobreviver com minha família, mesmo que ganho pouco mais é de lá que vivo não tenho outra profissão. Sim são várias gerações e esta descendência eu puxei do meu avô meu pai minha mulher e meus filhos.

(Francisco Moraes dos Santos 56 anos)

A pesca é um trabalho que envolve toda a família e alguns relatos de filhos de pescadores aqueles mais velhos.

Eu pesco desde a idade de 14 anos eu comecei acompanhando meu pai que pescava de rede, matapi espinhel e cacuri (era um cercado feito de tala de miriti e que afincava na maré alta para que na maré baixa colher o que ficava preso entre o cercado. E então eu fiquei com esta profissão que era do meu pai e acabei também casando com um pescador. Eu trabalho agora com o meu marido, aí fora agente se diverte enquanto se espera o peixe meu marido conta piada a agente se diverte mais tem dia que agente só defende o da bóia. Quando dá agente trabalha na roça plantando mandioca, mais agente vive da pesca. Me orgulho do meu pai por ele ser um pescador meu pai me ensinou muita coisa boa e eu sou feliz nesse trabalho da pesca. A pesca é uma coisa boa, quando agente acerta no peixe agente fica feliz.

(Elza Gonçalves 54 anos)

Hoje em dia esses trabalhadores da pesca estão amparados pela lei, eles tem a associação que garante alguns benefícios, exemplo hoje em dia até a mulher tem direito de se associar e de ser amparada pela lei da pesca, aqui nesta região de vila de Beja se encontra muitas mulheres que fazem parte desta associação e que também a elas o benefício como o seguro defeso, auxílio à maternidade é garantido em lei essa região se encontra mais ou menos umas 20 mulheres pescadoras beneficiadas. Normalmente elas pescam de matapis na coleta do camarão, mais também foi comprovada a presença de mulheres pescando e colocando redes no mar. Trabalho que há duas décadas atrás era visto somente por homens. Foi

constatado também a grande importância que a mulher tem no trabalho da pesca. Foi escutado relatos de filhas de pescadores de que elas cuidam do pescado e também de toda a preparação para que o pai fosse pescar; porque para se chegar a ir para a baia pegar o peixe é preciso que tenha a isca ( são pequenos peixes ou camarão que servem para iscar os anzóis e isso chama a atenção do peixe que pára para comer a isca e então o anzol fiska o peixe). Também as filhas mulher ajudam a tecer o matapi e consertar as redes quando estão cheias de buracos. Eis alguns relatos de das irmãs Odete e Berenice Cardoso:

Elas relatam que tem participação na pesca desde o preparo dos equipamentos, utensílios que precisam para se chegar a partir para a pesca, onde precisam da isca que pega nos matapis que dependem da maré baixa para ir despescar o matapi e pegar o camarão. Elas são encarregadas de preparar a poqueca ( isca feita de farelo de babaçu com coco e se enrola em folha), depois depronta coloca dentro do matapi para atrair o camarão que fica preso ao matapi, elas também vão tirar tala no mato para tecer o matapi, e quando chega o pai com o pescado elas cuidam do alimento e, fazem diversos pratos como: Torta de camarão e o peixe fazem moqueado, cozido...

Finalizando as entrevista percebe-se uma ajuda mútua de funções nessas famílias, todos tem o seu papel, porque não basta ir lá na baia pegar o peixe, também precisa comercializar o pescado para isso é preciso que toda a família se envolva, por exemplo o relato que ouviremos a seguir é de um dos filhos mais novos da família do seu Francisco e dona Creusa que deram total liberdade para publicar esses relatos:

Segundo, Fábio Júnior (16 anos). Ele ajuda o pai em tudo, desde o preparo para se chegar à baia, por exemplo, carrega até a canoa todo o material como: redes, remo, caixa com os anzóis, a isca e outros. Quando volta da pesca ele separa os melhores peixes para vender e assim comprar os outros materiais para casa . Ao vender o peixe ele também tem a tarefa de anotar a quantidade de quilos para depois justar conta com o comerciante e também prestar conta de dados para a colônia de pescadores que de vez em quando procura saber a quantidade de peixes que cada pescador está tirando do mar.

Eu procuro ajudar o meu pai em tudo da pesca, eu ajudo a iscar o espinhel (coloca alguma coisa de comida no anzol para chamar atenção do peixe e atrair ele para o anzol fisgar. Quando agente chega de fora eu peso o peixe segundo a sua espécie por que cada espécie é um preço pra gente vender para o comerciante que vende o nosso produto eu é que ajusto conta com o comerciante.  
(Fábio Júnior dos Santos, 16 anos)

Outro jovem a ser entrevistado é o Joelson que também a tantos anos pesca mais que também não vive só da pesca , também, trabalha em outros bicos, como pintor de desenhos e trabalho operário da construção civil em Barcarena, um município próximo daqui apenas 27Km.

Há 20anos eu pescu gosto de pescar, quando não estou trabalhando em outro lugar e vou pescar para o sustento de minha família. Tenho outra profissão, sou operador de máquinas eu busco outro trabalho para melhorar a situação de minha família, porque a pesca apenas dá para comer, mais, desde de criança pesco com o meu pai e quando agenti não encontra trabalho é na pesca que agenti se acha.

(Joelson Gonçalves Neves 27anos)

Embora também muitos desses filhos estão trabalhando em outras cidade como Belém Abaetetuba à procura de trabalho e melhores condições de vida. Porque também se percebe a pouca escolaridade que essas pessoas possuem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vila de Beja por ser uma localidade composta de grande parte por pescadores tem suas raízes ligada à identidade cultural de pessoas que vivem em contato direto com a natureza e isso que difere da cidade. Aqui as pessoas se conhecem, se complementam e conversam no seu linguajar próprio do lugar, o jeito de falar, brincar, vestir e viver o caracteriza como lugar de pessoas que são acostumados a lidar com a natureza. O pescador, por exemplo, conhece o ciclo da lua que está relacionada com a maré baixa e maré alta isso é assunto do seu cotidiano. Todas essas informações, eles não buscam em livros, ou em outras fontes de estudo e sim no cotidiano (tradição) e na intimidade com a natureza. O jeito de relacionar-se com a natureza é típico dessas pessoas, é incrível como para eles, tudo parece conhecido íntimo, ou seja, eles não tem medo de entrar no rio, no mato, porque tudo isso está impregnado na alma do pescador que conhece todo o ciclo da natureza, tanto, da água quanto da colheita dos frutos da mata, em diferentes épocas do ano. Pois toda região tem sua história, sua cultura, tradição, costumes, credo, arte, lendas, etc. nos quais se exprime a identidade do povo, povo este que caminha através da história, para fazer sua história.

Mais este jeito de viver das pessoas desta localidade, vem se modificando nas últimas décadas, pois são muitos as mudanças sociais, econômicas e culturais na sociedade que de um jeito ou de outro interfere nos costumes e identidade deste povo amazônica dessa região no que diz respeito a forma de trabalho, que, hoje em dia não é mais arcaico, e sim o mundo do trabalho também dessa região está voltado para a indústria, por também estar próximo ao polo industrial de Barcarena. Outra forma são as diminuições de organizações comunitárias que antes se reuniam com mais frequência para buscar melhorias para sua comunidade e isso facilitava o encontro, a vontade desses grupos em se reunir para a diversão como: festas dançantes e jogos de futebol que hoje se vê muitas das danças referidas no capítulo II. Apenas na lembrança das pessoas, para onde foi essa identidade folclórica dos filhos de pescadores do Ramal Arienga? O estilo de globalização social interfere no crescimento desses movimentos sem fins lucrativos; ou seja, o mundo de hoje não dá tanta importância mais para estes eventos sem fins lucrativos, porque a globalização visa o lucro e o capital.

A identidade cultural dos filhos de pescadores, mais especificamente da Vila de Beja em meio a todas essas situações, é obrigada pela necessidade de sobreviver, aceitar, mudanças que na maioria das vezes não condizem com sua realidade.

Haja vista, que a modernidade às vezes esquece que o ser humano que é papel fundamental fica esquecido, pois, a busca desenfreada pelo lucro, na sociedade atual, é o que prevalece. Neste sentido a educação tem sido apontada como uma das principais vias para a construção de uma sociedade mais justa, humana e democrática, mas, sabemos que não é qualquer processo educativo que concretiza as mudanças sociais necessárias, é necessário unir o ético e o político na prática educativa, isto é criar condições efetivas para a definição e apropriação de novos padrões de relacionamentos sociais. Por isso, é fundamental que a escola se preocupe com a educação democrática onde prevalece o modelo de ser humano livre, aberto as novas mudanças sociais e crítico diante da realidade da sua comunidade.

Por diversas vezes, Paulo Freire (1996), repetiu nos seus escritos e conferências, que não existe saber superior, mas, saberes diferentes. Ou seja, onde o saber de um pescador enriquece toda uma localidade, porque todo saber contribui para uma formação humana e consciente de cada pessoa e isso muda, transforma o saber em conhecimento profundo de relações humanas.

Falar em cultura diante da conjuntura atual requer um momento de reflexão sobre a invasão cultural que sofremos desde nossa colonização aos dias atuais. Respeitamos as diferenças culturais e sabemos que uma é subsídio de outra, mas na realidade o povo sofre essa violência e vira espectador de sua própria cultura. Nosso sistema educacional está voltado mais para o conhecimento científico, e a escola, reproduz conteúdos que às vezes se distancia do processo cultural com seus objetivos, por exemplo, o mundo dos pescadores tem todo seu dinamismo cotidiano em que os filhos de pescadores estão inseridos e se deparam com os conteúdos da escola e então como fica a identidade cultural dessa criança ou jovem? E a sociedade muitas das vezes retrata esses modelos quando transforma os momentos culturais de uma localidade, ou seja, fazem virar eventos e não é isso que é vivências e acultura de um povo. Precisamos de um resgate de nossas origens culturais, em vila de Beja precisa estimular encorajar esses jovens a olhar ao

passado e refletir o quanto era importante esses momentos de brincadeiras e danças folclóricas aqui dessa região.

E a vida continua com suas mudanças, seus progressos, o entrelaçamento de culturas diversas, das quais somadas com as nossas e engrandecidas, assim, formamos a nossa própria cultura mais enriquecida. Igualmente, possamos através de trabalhos como este levar a termo o nosso objetivo de valorizar, divulgando as nossas raízes culturais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha, o império do divino : **Festas religiosas e cultura popular no Rio De Janeiro** :1830 -1900. Record .

ABREU, Martha: **Cultura popular, um conceito e várias Histórias**; Rio de Janeiro, casa da palavra, ( 2003).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues: **O que é Folclore. Coleções Primeiros Passos** - São Paulo 1982:

BENJAMIN, Roberto. **Folgedos e danças de Pernambuco**. Fundação de Cultura Cidade do Recife - 1989

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. **“Os estudos de folclore no Brasil”**. Seminário Folclore e cultura Popular: As várias faces de um debate. Série Encontro e estudos, nº 1. Pp. 101-112. Rio de Janeiro - 1992.

CAVALCANT, ( Funart: ano 2 n. 22 out. 1987)

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE: **Carta do folclore brasileiro**, Salvador 1995

FREIRE, Araújo Ana Maria: **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**, UNESP, São Paulo 1999.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 1996

LOBATO, M<sup>a</sup> de Nazaré Carvalho, **Fagulhas e fragmentos. Abaetetuba** – 2004

LOBATO, m<sup>a</sup> de Nazaré Carvalho, **Nossa arte nossa vida**. Abaetetuba – 2001

LOBATO, m<sup>a</sup> de Nazaré Carvalho, **Do Banzo as maresias**. Abaetetuba – 2004  
LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9.394/96.

MACHADO, Jorge: **Nosso Folclore**; Edições ALQUIMIA. Abaetetuba- 2008

MAYRE, B.C Vigna: **Folclore – atlas do estudante, editora didática** – São Paulo, 2006

MAFRA, Leila de Alvarenga TURA , **Maria de Lourdes Rangel sociologia para educadores 2- col. Educação e sociologia** – quartet.2000,

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria: **Educação escolar e Cultura(S): Construindo caminhos** – Petrópolis, - 2003

Pimentel, Maria Carlete Margalho: **Religião e identidade cultural** – Belém - 2009

Porto editora, 2003 -20/13 /www:< URL / WWW. Infopedia .pt / **mudança – social** >

QUEIROZ ,p. **Maria Isaura : dimensões da mudança na sociologia** .soc . estado . vol.26 no Brasilia .may/aug.2011

ROCHA, Gilmar: Cultura Popular – **Do Folclore ao Patrimônio** – Recife, 2009.

STUART, Hall: **A centralidade da cultura. A identidade cultural na pós-modernidade**, DP 8 a editora , 1 edição em 1992 , Rio De Janeiro , 11 edição em 2006 , 102 paginas.

**Conceito de Folclore** (Roberto Benjamin, presidente da Comissão Pernambucana de Folclore)

[HTTP://www.unicamp.br/folclore/material/extra-conceito.pdf](http://www.unicamp.br/folclore/material/extra-conceito.pdf)

**Carta do Folclore Brasileiro de 1995** (íntegra)

[HTTP://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf)

# ANEXOS

**LISTA DOS ENTREVISTADOS**

1 - NOME: **Rosalvo Marinho**

IDADE: 63

TEMPO DE PESCA: 30 anos

ASSOCIADO: Sim TEMPO: 20 anos

2 - NOME: **Fábio Júnior Baia dos Santos**

IDADE: 16

TEMPO DE PESCA: 4 anos

ASSOCIADO: Não TEMPO:\_\_\_

3 - NOME: **Elza Gonçalves**

IDADE: 55 anos

TEMPO DE PESCA:40 anos

ASSOCIADO: Sim TEMPO: 5 anos

4 - NOME: **Joelson Gonçalves Neves**

IDADE: 27

TEMPO DE PESCA: 20 anos

ASSOCIADO: Não TEMPO:\_\_\_

5 - NOME: **Francisco Moraes dos Santos**

IDADE: 56 anos

TEMPO DE PESCA: 45 anos

ASSOCIADO: Sim TEMPO:12 anos

6 - NOME: **Raimundo Marinho Neves**

IDADE: 59 anos

TEMPO DE PESCA: 46 anos

ASSOCIADO: Sim TEMPO: 20 anos

7- NOME: **Odete Cardoso**

IDADE: 28 anos

TEMPO DE PESCA: 20 anos

ASSOCIADO: Sim TEMPO: 5 anos

8- NOME: **Berenice dos Santos Cardoso**

IDADE: 23 anos

TEMPO DE PESCA: 5 anos

ASSOCIADO: Não

9- NOME: **João da Silva Cardim (Juquita)**

IDADE: 81 anos

Contador de histórias folclóricas

10- NOME: **Palmira Marinho**

IDADE: 72 anos

Contadora de histórias de danças culturais da região.

## QUESTIONÁRIOS DE ENTREVISTAS

### - Filhos de pescadores (3 mulheres)

1ª) Qual a sua participação nas tarefas de trabalho do seu pai?

---

---

---

2ª) A pesca é um trabalho que envolve toda a família?

---

---

---

3ª) Todas as mulheres de sua família são envolvidas nas tarefas que envolvem a pesca?

---

---

---

4ª) Quem cuida do preparo do pescado para a família saborear o alimento?

---

---

---

5ª) Quantas maneiras há de se fazer um prato delicioso de peixes?

---

---

---

**- Filhos de pescadores (3 mais novos)**

1ª) Você pesca?

---

---

2ª) Você gosta de pescar?

---

---

3ª) Tens outra profissão?

---

---

4ª) Porque você está exercendo outra profissão?

---

---

5ª) Hoje em dia, o que você acha do seu pai como profissão de pescador?

---

---

**- Os pais (03)**

1ª) Quanto tempo você pesca?

---

---

---

2ª) O que você ganha com a pesca dá para o sustento da sua família?

---

---

---

3ª) A pesca é uma opção de trabalho ou é uma alternativa?

---

---

---

4ª) Você se sente feliz na sua profissão?

---

---

---

5ª) A pesca é uma profissão na família? Quantas gerações?

---

---

---